

O LEGADO DA MODELAGEM NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: ESTUDO DE CASO DAS VESTIMENTAS FEMININAS E MASCULINA¹

Júlia de Souza Miranda²

Resumo: O presente trabalho propõe uma pesquisa qualitativa sobre o legado da modelagem da segunda guerra mundial, com foco em um estudo de caso sobre as vestimentas femininas e masculina. Este artigo foi desenvolvido por meio de observações da indumentária em razão do rumo e consequências da guerra, relacionando suas características predominantes, bem como as divergências e equivalências com a modelagem atual. Os resultados da pesquisa expõem influências significativas na modelagem para a moda recente, a apresentação do vestuário funcional para o público feminino e definições do que as vestimentas expressam para a sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Modelagem. Sistema Utilitário. Segunda Guerra Mundial.

1 Introdução

O presente artigo propõe um estudo sobre a moda na década de 1940, com base nas modelagens usadas durante a Segunda Guerra Mundial. A escassez de tecidos fez com que as mulheres tivessem de reformar suas roupas e utilizar materiais alternativos e fibras sintéticas. Em meio à forte influência do universo militar, uma das principais características do período foi a adaptação de elementos masculinos às roupas femininas. Além disso, as mesmas foram forçadas a recorrerem às vestimentas do sistema utilitário, motivado pelo racionamento de matérias-primas e pelo início da dupla jornada de trabalho.

Para compreender melhor este processo de mudança no vestuário, dispõe-se o tema *O legado da modelagem na Segunda Guerra Mundial: Estudo de caso das vestimentas femininas*. Serão analisadas quatro figuras de vestimentas da década de 40 (quarenta) e quatro figuras de vestimentas atuais, totalizando oito imagens, tendo como problemas de estudo: Qual o legado da modelagem nas vestimentas usadas no período da Segunda Guerra Mundial para a moda contemporânea? Quais as características de modelagem na Segunda Guerra Mundial? Há diferenças e semelhanças entre cada traje da época e a moda atual, comparativamente?

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Tecnologia em Design de Moda, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pela professora Josilene Della Gustina (Especialista em Modelagem de Vestuário).

² Júlia de Souza Miranda. E-mail: ju.smiranda@outlook.com.

Uma razão pela qual este tema foi escolhido é o fato de a discussão ser uma questão de gênero na sociedade. A moda desde aquela época até os dias atuais é considerada essência feminina. Por essa razão, ocupa uma posição tão incerta na vida cultural. “Essa abordagem obstrui investigações históricas e contemporâneas, bem como debates sobre o papel da moda na existência humana” (FIELL e DIRIX, 2014, p. 8).

O vestuário pode ter se tornado mais funcional, porém suas qualidades decorativas não estavam perdidas, e, mesmo que estivesse tudo mais discreto e funcional, as roupas eram ainda intimamente ligadas à expressão de uma identidade pessoal e social (FIELL e DIRIX, 2014).

Este estudo é uma forma de clarear os fatos que aconteceram neste período e tentar oferecer um panorama contextual sobre a moda desta época tão problemática, visto que acompanhou as mudanças drásticas que ocorreram.

A praticidade, expressa tanto na silhueta quanto na escolha dos tecidos da primeira coleção de tempos de guerra, preparava-se para se tornar o aspecto definitivo da moda durante a primeira metade da década. Isso era também uma questão de bom senso - em muitos países a praticidade, as improvisações e o abandono do luxo pré-guerra tornaram-se parte do discurso nacional, visando à sobrevivência, ao patriotismo e à vitória. (FIELL e DIRIX, 2014, p.9)

Em vista da magnitude deste lamentável acontecimento, o presente artigo realizará uma pesquisa sobre a história e as mudanças da modelagem da década de 1940 do ponto em que a guerra começou.

A partir da identificação dos problemas propostos acima, forma-se com objetivo geral: averiguar o legado da modelagem das vestimentas usadas no período da Segunda Guerra Mundial para a moda contemporânea. Consequentemente, os objetivos específicos são verificar quais as características da modelagem durante o conflito e distinguir as diferenças e semelhanças de cada vestimenta com a moda atual comparativamente.

Para obter os objetivos propostos, será feita uma pesquisa por meio do método qualitativo, com a coleta de quatro modelagens de vestimentas da década apontada e quatro do período contemporâneo. A técnica de pesquisa é o estudo de caso das vestimentas femininas. O critério de escolha das vestimentas se dá pela inclusão em massa da sociedade da época mencionada, e posteriormente aos anos atuais (2019).

No corpo da fundamentação teórica encontra-se um capítulo para que se possa compreender o contexto histórico e o desdobramento das vestimentas, bem como as ações as quais justificam tais vestes terem sido utilizadas. Nos capítulos seguintes encaminha-se para análises e conclusões.

2 Contexto Histórico da moda na guerra

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito de escala global que aconteceu entre 1939 e 1945 e ficou marcada por eventos como o Holocausto e o uso de bombas atômicas. Resultou na morte de 60 a 70 milhões de pessoas, tendo como estopim a invasão da Polônia pelos alemães em 1º de setembro de 1939.

Durante o conflito, foram formados dois blocos entre as potências envolvidas: Potências do Eixo de cunho totalitário, formada pela Alemanha, Itália e Japão, e Potências Aliadas de caráter ideológico democrático, formado por Inglaterra, Estados Unidos, a extinta URSS, China e França – que fora invadida e dominada pelos alemães durante quase todo o combate. (BRASIL ESCOLA, 2021)

A Segunda Guerra foi um período pertinente para a história da moda, principalmente pela importância social e econômica do vestuário feminino. Com as mudanças no cenário de vida política e social dos civis, um novo método de vestir surgiu na sociedade.

Os civis sentiram os reflexos da guerra no temor diário, bem como na vivência sob austeras condições. Praticamente todo o cotidiano dos civis foi afetado pela estratégia militar do período, inclusive a moda. As influências da Segunda Guerra Mundial vistas no vestuário contextualizam as prioridades das nações que priorizavam a vitória e acima de tudo a sobrevivência dos civis. Apesar dos limites impostos pelas situações de guerra, tais como escassez de materiais e restrições governamentais, viu-se na moda desde peças mais simples até a mais nobre alta costura. (KOTOLÁK, 2015, p.20).

Segundo Geraldine Howell (2012), a Segunda Guerra Mundial foi o conflito que mais fomentou a produção industrial. Desde seu início, os países aliados convocaram mulheres a participarem diretamente como mão-de-obra industrial, mantidas dispostas e com aparência feminina. Porém, os governos alemão e japonês exigiram o oposto, impondo que as mulheres se preservassem na posição de esposas e mães de família, limitando apenas luxos, tais como produtos de beleza. Ocasionalmente, contudo, as carências de trabalho se tornaram críticas e ao passar os anos de guerra, as mulheres foram forçadas a cooperar nos trabalhos industriais. Essas questões do vestuário feminino afetaram também a modelagem, como veremos na sequência.

2.1 Modelagem

A modelagem consiste em uma técnica usada para representar, através de moldes, a forma das roupas, viabilizando a construção e a montagem. Dentro da indústria é crucial, pois sem molde para passar para o tecido a peça não se concretiza e roupa é inexistente. Mesmo que

a modelagem faça parte de uma área técnica, a percepção do profissional em adicionar folgas e volumes para atingir determinada silhueta, harmonizando o desenho das costuras que ficarão expostas, ultrapassa a questão técnica e faz do molde uma peça real. (BERG, 2019).

Seja uma roupa concebida de forma industrial ou sob medida, a modelagem está presente em ambos os casos, A ideia, o desenho, a foto ou a própria peça como modelo chegam ao modelista, que transfere para o molde sua interpretação, o seu conhecimento. A partir daí para que o molde possa ser avaliado, corrigido e aprovado, são fundamentais para que o corpo da modelagem esteja em tecido. (BERG, 2019)

“Um dos principais fundamentos da modelagem é o reconhecimento do corpo: a modelagem reproduz antropometricamente o corpo, respeitando suas formas e seus movimentos, e isso pode ser feito por duas técnicas: a modelagem plana (bidimensional) e a moulage (tridimensional)” (BERG, 2019, p. 20). A primeira técnica é realizada diretamente no papel e são utilizados conhecimentos geométricos e matemáticos, assim como as medidas do corpo. A segunda é feita propriamente no corpo (manequim de costura) e a partir daí conseguimos visualizar a peça montada com a ajuda dos alfinetes. Após as devidas marcações este tecido é retirado do manequim e extraído o molde. Explicitados os conceitos básicos da modelagem, passamos a tratá-la no contexto da guerra.

2.2 Esquemas de racionamento e sistema utilitário

A moda sofreu restrições, conforme Veillon (2001) salienta, seja pela falta de matérias-primas ou certas limitações na produção. Mas ainda assim conseguiu driblar as dificuldades, colocando em prática a imaginação nos momentos mais sombrios da história da moda, especialmente a francesa em um país ocupado durante o conflito.

O racionamento de certos gêneros alimentícios já tinha começado anos antes do início da guerra, mas o controle geral de roupas só foi introduzido em novembro de 1939. Fiell e Dirix (2014) contam que, assim como para a comida, as roupas só podiam ser compradas com uma combinação de dinheiro e cupons. Tipos diferentes de peça e material exigiam determinado número de cupons, dependendo da qualidade e de quanto tecido e mão de obra eram precisos para chegar no produto final. Itens de luxo, como chapéus, peles e renda, receberam impostos pesados e foram considerados não essenciais. Logo, não faziam parte do sistema de cupons.

Fiell e Dirix (2014) destacam que, na Alemanha, o cartão de racionamento de roupas era considerado desorganizado pelos alemães e mesmo assim serviu de exemplo para os modelos de cupons da Grã-Bretanha. Os pontos reservados para cada pessoa podiam ser usados

em etapas, e alguns artigos, como sapatos de couro, faziam o proprietário mostrar uma declaração oficial de que não possuía mais do que um par em boas condições, enquanto outros itens, como casacos de inverno, tinham de ser devolvidos antes de obter um novo.

Na maioria dos outros países envolvidos no conflito, a situação era comparável à da Alemanha, embora poucos tenham sofrido escassez material equivalente. Na Grã-Bretanha, o quadro era às vezes igualmente precário, pois o país esteve não só envolvido no conflito desde o início diferentemente dos Estados Unidos, que entraram no final de 1941, como o fato de ser uma ilha implicava uma dependência enorme das importações (FIELL E DIRIX, 2014, p. 16)

Na Grã-Bretanha, Fiell e Dirix (2014) mencionam que, para as roupas civis, a questão da escassez foi aplicada de três formas: o racionamento, as medidas rígidas, e por último o sistema utilitário para monitorar a produção e a qualidade das peças.

Segundo Fiell e Dirix (2014), as roupas que eram de segunda mão não estavam dentro do esquema de racionamento e, para muitas pessoas, tornou-se o único modo de obter vestimentas. As que tinham tempo e sabiam costurar usaram os cupons apenas para comprar tecidos, tornando-se assim mais econômico se vestir. O racionamento foi eficaz, mas a guerra forçava problemas não só na produção, sendo que o controle de qualidade e distribuições surgiu como uma questão importante. Com os preços dos tecidos e das roupas subindo, mais uma vez as mulheres menos afortunadas foram as que sentiram primeiro.

A questão do controle de qualidade gerava muita preocupação para a Junta Comercial, que estabeleceu o precursor sistema utilitário para superar o problema. O objetivo principal era proporcionar a questão preço e qualidade entre roupas baratas e caras. Isso foi conquistado ao se limitarem à variedade de tecidos e os modelos, elegendo alguns poucos, feitos com tecidos de boa qualidade, com bom caimento e fáceis de lavar. (FIELL E DIRIX, 2014)

Roupa utilitária é toda aquela em que sua função é mais importante do que a parte estética. Isto é, são roupas feitas para um propósito e esse propósito é mais importante do que a roupa ser considerada feia ou bonita. Um exemplo de vestuário utilitário são as roupas brancas usadas por profissionais da área da saúde e os uniformes de proteção. (VÊNUS, 2020)

Como apontam Fiell e Dirix (2014), o sistema utilitário controlava qualidade e custo, mas mesmo que estas roupas fossem mais baratas, isentas de taxas e de melhor qualidade, a resposta do público não foi bem vista. O nome do sistema, colocado por uma variedade de indústrias de manufaturados – “utilitário” provocava a sensação contrária à moda e, para muitos, era associado a roupas de trabalho, uniformes e cores monótonas.

Uma forma positiva dos utilitários foi a reorganização e racionalização da indústria têxtil. Antes da guerra, esta era muito subdividida, muitas fábricas produzindo mercadorias

similares. O sistema utilitário recompôs a situação e fez com que algumas fábricas se aprimorassem em determinadas peças.

Figura 1 – Vestuário utilitário proposto na década de 40.



Fonte: Fashion bubbles (2021)

Conforme Mendes e de La Haye (2003, p. 104), a partir de 1941 o consumo de roupas na França foi precisamente controlado pelas medidas de racionamento. Em julho do mesmo ano, foram lançados os cupons. “Cada artigo de vestuário tinha um valor de cupom, e os cupons tinham de ser entregues junto com o dinheiro por ocasião da compra de roupas novas. Inicialmente, destinavam-se cem cupons a cada pessoa, trinta dos quais imediatamente utilizáveis.”

As necessidades básicas dos consumidores são supridas pelo sistema de tíquetes destacados do cartão. Levando-se em conta a disponibilidade de artigos têxteis, o governo reconhece ser impossível satisfazer a todas as encomendas, decretando então que apenas os tíquetes numerados de 1 a 30 poderão ser imediatamente utilizáveis. (VEILLON, 2001, p. 100).

Laver (2006, p. 252) conta que mesmo sob circunstâncias tão restritas, os modelos mudavam regularmente. Os olhos eram voltados para a cor do debrum e do bolso falso à colocação de volumes nas saias. Em relação à modelagem, os ombros eram quadrados, retos, com corte masculinizado, fazendo referência às fardas militares. “Regras estabelecidas

limitavam a metragem de tecido para cada categoria de roupa, a qualidade do tecido, o comprimento e a largura das saias. Algumas roupas não-utilitárias também estavam sujeitas a restrições de tecidos e ao racionamento”.

A *Utility Apparel Order* (pedido de roupas utilitárias) veio com força na primeira semana de fevereiro de 1942. Conforme relatado por Jonathan Walford (2008), o Ministério do Comércio especificou que todo vestuário deveria ser marcado com uma etiqueta de “CC41”, uma abreviação de “*Controlled Commodity*³ 1941”. O designer americano Reginald Shipp desenhou uma logo estilizada para usar durante os períodos de planejamento do vestido utilitário, conforme a figura 2.

Figura 2 – Etiqueta de Mercadoria controlada (*Controlled Commodity*)



Fonte: História da Moda (2020)

Mendes e de La Haye (2003, p. 105) explicam que muitas mulheres haviam se acostumado a comprar um novo par de meias a cada semana – na rotina anterior à guerra, o consumo de meias, sozinho, exigiria 104 cupons. Para economizar as meias, muitas mulheres usavam meias de lã durante o inverno e no verão e em casa preferiam descartar a peça.

Cosméticos especiais eram produzidos para escurecer as pernas nuas, embora o escurecimento com molho ou cacau fossem possibilidades mais baratas. Escurecidas as pernas, uma costura postiça era laboriosamente pintada na parte de trás das pernas. Muitas mulheres mais jovens preferiam ter menos trabalho e usavam meias soquetes. (MENDES e DE LA HAYE, 2003)

³ Controlled Commodity significa Mercadoria controlada -

Figura 3 – Costuras postiças feitas com maquiagem.



Fonte: De volta ao Retrô (2019)

Kotolák (2015), baseado no raciocínio de Tebbut (1984) explica que capas, jaquetas e sobretudos, peças denominadas utilitárias passaram a apresentar em seu design grandes bolsos e capuz para melhor facilitar a rotina da mulher. Calças e macacões com zíperes frontais também eram comuns no vestuário feminino – peças que, como o nome diz, se fizeram utilitárias em situações do cotidiano. Esse vestuário apresentava praticidade e inteligência, onde, em precárias condições, a mulher se viu imposta a deixar itens supérfluos fora de prioridade.

O propósito do vestuário era o usufruto de bolsos e compartimentos oferecidos, capazes de levar consigo somente o necessário – desde em situações do cotidiano, a fim de comprar seus suprimentos e carregá-los consigo nos bolsos, até nas de extrema urgência, em ataques aéreos ou avisos antibomba, carregando somente itens de necessidade básica. Turbantes tornaram-se itens de moda e eficientes para cobrir os cabelos das fuligens e instalações industriais, onde muitas mulheres assumiram cargos na construção de armamentos.

Apesar de todo este estímulo para a ala feminina de ocupar os cargos nas indústrias, Fiell e Dirix (2014) descrevem que a questão de as mulheres realizarem trabalhos para a guerra causava preocupação e suscitava debates na maioria dos países. Na Alemanha, as mulheres só foram encorajadas a isso em 1943, e a propaganda não as deixava se esquecer de que essa fase era temporária e elas voltariam à cozinha em breve, enquanto as potências aliadas incitaram a terem papel ativo na economia e na produção industrial.

Assim, Veillon (2004) completa que, de 1940 a 1944, a onda dos tecidos campestres e das saias curtas camponesas virou uma realidade. No verão, as mulheres acolheram esse estilo por motivos das questões utilitárias evidentes: a bicicleta dita esse traje prático, a falta de tecidos as obriga tanto a encurtar as bainhas como a cortar um vestido numa colcha de cama ou em algum par de cortinas.

2.3 A chegada do Trench Coat

“Uma das principais características da peça em questão é sua impermeabilidade. O tecido resistente à água apareceu pela primeira vez na Inglaterra, em 1823, a partir de uma camada de borracha diluída aplicada entre duas camadas de lã.” (BEAUHARNAIS, 2021a). Criado por Charles Macintosh com o nome de casaco Mac, era quase que um começo para o que hoje é conhecido como Trench Coat.

Nas décadas seguintes, a empresa britânica Aquascutum desenvolveu capas de lã à prova d'água, que se tornaram populares entre os soldados que lutaram na Guerra da Criméia (1853-56). Mas a versão mais icônica da peça viria com Thomas Burberry, em 1856. Aos 21 anos, o inglês fundou uma loja com seu sobrenome no centro da Inglaterra. (BEAUHARNAIS, 2021a)

Em 1879, Thomas inventou seu próprio tecido mais leve – a gabardine, o lado externo do qual era feito em uma nervura diagonal. Isso fez com que a água não penetrasse no tecido, garantindo a impermeabilidade da capa de chuva, ideal para os dias chuvosos da primavera. (L'OFFICIEL, 2020)

A Burberry's se tornou uma referência em 1879, quando seu fundador desenvolveu o tecido feito a partir de fios individualmente impermeabilizados. Patenteada oito anos depois, a nova trama foi usada, em 1895, para criar o *Tielocken*, uma versão anterior àquilo que viria a ser o Trench Coat. Foi com essa peça que os soldados britânicos lutaram nos conflitos com os Bôeres (1899 – 1902), na África do Sul em conflitos do regime do apartheid (BEAUHARNAIS, 2021a).

O nascimento do Trench Coat se deu com o início da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), quando o Ministério da Guerra inglês encomendou milhares de casacos da Burberry's. Até então, os *Tielockens* eram usados apenas pela elite militar e, por isso, eram peças aparentemente e estruturalmente complicadas. Para tornar a produção mais rápida e menos cara, Thomas Burberry redesenhou o item, dando origem ao Trench Coat. (BEAUHARNAIS, 2021a)

“Durante a Primeira Guerra Mundial, a Burberry era fornecedora de sobretudos repelentes de água para o exército. Soldados britânicos apelidaram o manto de "Trench Coat", então o modelo ganhou seu nome famoso” (L’OFFICIEL, 2020). Já na Segunda Guerra Mundial, a União Soviética e os Estados Unidos começaram a fornecer ao seu exército mantos semelhantes, porém mais curtos. Eles facilitavam os movimentos dos soldados, permitindo que eles permanecessem mais móveis.

O nome da peça só surgiu em 1916, quando a loja passou a anunciá-los como "Trench-warms" (aquecedores de trincheiras, em tradução livre), já que os soldados passavam a maior parte dos conflitos dentro de trincheiras. A conquista dos britânicos na Guerra estabeleceu a peça na ilusão popular como um símbolo de heroísmo e coragem, enquanto a marca tornou-se um ícone patriótico. (BEAUHARNAIS, 2021a)

Figura 4 - Trench Coat da década de 1940



Fonte: Stasiak (2020).

Com o passar das guerras, o trench coat ganhou notoriedade e, conseqüentemente, a conquistar espaço em Hollywood. Os casacos passaram perceptíveis em diversos filmes, sendo usados por estrelas de cinema que interpretavam detetives, gângsteres e figuras importantes, como Humphrey Bogart, Marlene Dietrich e Audrey Hepburn que entraram em cena com estes casacos fascinantes (VENTURO, 2020)

Apesar do aspecto até então masculino, o casaco acabou conquistando as mulheres emancipadas dos anos 1920. Greta Garbo e Gloria Swanson, estrelas de cinema, vestiram o Trench Coat e despertaram uma nova tendência de figurinos. O corte reto e masculinizado da

peça estava conforme a moda da época e foi rapidamente adotada pelo público feminino. (BEAUHARNAIS, 2021a)

2.4 A origem do Tailleur

Nas descrições para a moda nos anos da Segunda Guerra Mundial, no Brasil e em outros países, a emergência do tailleur como traje da moda é explicada partindo-se da premissa das influências do fenômeno político nos trajes. Dominique Veillon (2004), ao abordar as mudanças ocorridas na moda francesa durante a ocupação alemã na França entre os anos de 1939 e 1941, mostra de que maneira as restrições impostas às matérias-primas ditaram uma mudança no figurino e nos comportamentos femininos, com a incorporação de peças do vestuário dos soldados no visual e no guarda-roupa (Citado por SIMILI, 2012).

Chanel foi uma das primeiras buscar referências na moda masculina para o vestuário das mulheres, quando ela criou seus ternos icônicos. As primeiras experiências de Coco Chanel com o guarda-roupa masculino foram fruto de seus dois romances ainda no início do século 20. O primeiro foi com o herdeiro francês Étienne Balsan, que a colocou no universo da aristocracia decadente. O segundo, com o empresário inglês Boy Capel, referência em elegância britânica e seu grande amor. (BEAUHARNAIS, 2021b)

Com a evolução de sua vida executiva e profissional no mundo da moda, ela começa a usar peças da alfaiataria masculina, com adaptações criativas para ajustá-las a um corpo feminino. A aceitação das mulheres na época, fez com que ela começasse a criar estas peças para as suas coleções. Com este trabalho Chanel criou ícones da alfaiataria feminina, como o tailleur por exemplo, reproduzidos na moda durante décadas, até os dias de hoje. (BARCELLOS e MONTEIRO, 2020)

A consumação do flerte de Chanel com o imaginário masculino, porém, pareceu a princípio atrasada. Quando lançou o tailleur de tweed⁴, em 1954, o conjunto pareceu desconfortável ao ideal de feminilidade em alta, principalmente na França. (BEAUHARNAIS, 2021b)

Mademoiselle combinava o nylon com outras fibras sintéticas para dar leveza ao item. As mangas, levemente curvadas, facilitavam o movimento dos braços, e as peças não

⁴ Tweed – Tecido com lã de fio grosso

traziam entretelas, material usualmente costuradas por dentro para dar estrutura. Em vez disso, a forma desejada era alcançada com costuras meticulosas e uma corrente dourada presa na parte interior da barra – este adicional para dar caimento à peça se tornou um ícone. (BEAUHARNAIS, 2021b)

Figura 5 - Modelo clássico de tailleur



Fonte: Farol da Bahia (2019)

Entre o final dos anos 1950 e 1960, o terno de Chanel foi um dos símbolos das mulheres da burguesia chique que eram encontrados em todo o mundo ocidental, e remetia a imagem de uma forte, de classe, inteligente, independente e moderna (GONÇALVES, 2018).

O tailleur passou a fazer parte do guarda-roupa feminino no século 19, por volta de 1880. Sua criação é atribuída ao inglês John Redfern, costureiro britânico radicado em Paris e em Londres. Mas antes da história da moda já havia registros de conjuntos feitos de paletó e saia. O tailleur como é visto atualmente, começou a ganhar formas apenas durante a Primeira Guerra Mundial, (1914-1918), já que a escassez de tecidos fez com que as saias ficassem menores e depois mais curtas. Até então eram usadas saias longas, de tecidos pesados e com armações. Foi Chanel quem propagou o conjunto e seus modelos de tweed se transformaram em uma de suas marcas registradas. (GONÇALVES, 2018).

De acordo com Prado e Braga (2012, citado por SIMILI, 2012), as influências dos uniformes dos soldados na moda feminina, narradas pela história da moda, em particular durante a Segunda Guerra Mundial, mostram como o *tailleur* transformou-se em simbólico, ou seja, uma forma de expressar como os trajes foram envolvidos pelas ideologias de gênero. A predominância masculina ingressa na principal tendência da moda feminina, pois é a partir do modelo e desenho da roupa do homem que o traje feminino é pensado e efetivado como tendência da moda. O conflito mundial atingiu as mulheres e ditou a moda feminina, com roupas e comportamentos que definiam a mulher, o feminino e as feminilidades.

Eis uma das permanências de sentidos para o *tailleur* que atravessou a história da moda até a contemporaneidade: “por ser uma criação adaptativa do terno, vestimenta masculina, o *tailleur* outorga à figura feminina maior credibilidade na sua competência profissional” (CASTILHO, 2004, p. 94, citado por SIMILI, 2012)

Composto por um casaco de lã quadrado com botões de metal e junto da saia *slimline*⁵, a roupa era a escolha perfeita para a mulher pós-guerra que tentava construir uma carreira profissional governado por homens. (GONÇALVES, 2018)

Com base nesta contextualização, partiremos para a análise. A seguir, as figuras estabelecidas para o desenvolvimento deste trabalho, tiveram como critério de escolha, as características mais evidentes que compuseram a década escolhida, bem como o fator tempo que constitui uma linha do tempo que liga o período da Segunda Guerra Mundial com o presente.

3 ANÁLISE

A partir do panorama exposto, este trabalho apresenta uma pesquisa realizada através das modelagens de vestuário, para a elaboração da imagem e estilo de acordo com as características usadas na década de 1940. Na análise, foram considerados as cores, acessórios, formas, padronagens, assim como a sua modelagem e tecidos. Cada look oferece uma perspectiva da moda que expõe como os fatores políticos, econômicos e socioculturais influenciaram a indústria do vestuário (FIELL E DIRIX, 2014).

⁵ Slimline – Modelo de saia em linha fina.

Em consequente, através de uma análise de oito vestimentas, sendo quatro do período da década de 1940, e quatro da atualidade, pretende-se identificar quais características de modelagem integram esta era e de que forma a mesma sugere semelhanças e diferenças com o vestuário atual.

3.1 Trench Coat

Figura 6 - Winston Churchill na Segunda Guerra Mundial



Fonte: Aventuras na História (2020)

Na figura 6, observamos os oficiais britânicos, (à direita, o primeiro-ministro) vestindo o uniforme oficial do exército, composto pelos chapéus, botas cano alto e calças bufantes blindadas pelo sobretudo, um notório Trench Coat. Este casaco é uma peça de vestuário que, apesar das variações e alterações, se mantém ao longo das estações, como uma peça atemporal. As características do mesmo tinham como propósito as atuações na guerra.

Cada elemento do novo casaco aprimorado pela Burberry's tinha propósito bélico. As abas largas suavizavam o coice dos rifles, os detalhes nos ombros serviam para segurar máscaras de gás ou insígnias militares, e a fivela do cinto, em formato de D, era ideal para prender munições e granadas. Até o tom claro de bege, o caqui, hoje é considerado

condignamente atemporal, foi um aprendizado sobre camuflagem com as forças armadas da Índia. "Caqui" tem origem na palavra "khaki", que em urdu significa "cor do chão". (KRUEGER, 2019).

O uso do Trench Coat compõe o visual de guerra como uma peça representativa por ser utilitária, resistente, contendo vários compartimentos e, por ter sido feito de um tecido capaz de impermeabilizar, também correspondem a um casaco para se proteger do frio.

As roupas da época de guerra demonstram com que força a moda reflete a situação econômica e política vigente, a atmosfera do momento e como racionamento de roupas foi estabelecido.

O Trench Coat atualmente é considerado uma peça universal, podendo ser aplicado por cima de qualquer *look* por todas as idades, em quase todas as ocasiões; e suas características fazem deste, ser conceituado como uma peça coringa. Christopher Bailey, diretor criativo e atual CEO da *Burberry's*⁶ completa:

“Os exploradores adoram a peça tanto quanto os homens de negócios. Quando desenho um imagino uma jovem jogando-o por cima do jeans e uma senhora vestindo-o sobre um *tailleur*. Quero que ambas se sintam elas mesmas, e não *fashion victims*⁷”. (BLOCKER, 2006, p. 46, citado por DE FRIAS, 2014)

Com estes papéis poderosos e a popularidade ganha nas forças armadas, os *Trench Coat* tornaram-se um item ainda mais invejável. Eles carregavam consigo a atitude e personalidade dos poderosos, valentes, corajosos e misteriosos. Dos campos de guerra ao cinema, os *Trench Coat* tornaram-se peças tão importantes quanto os jeans. Estilo, funcionalidades e uma história que os torna ainda mais atraentes. (VENTURO, 2020)

⁶ Burberry's – Grife de roupas britânica

⁷ Fashion Victim – Vítima da moda

Figura 7 - Modelo de Trench Coat atual



Fonte: Sulamita (2018)

Na figura 7 identificamos uma variante do tradicional Trench Coat, onde neste é composto por tecido de lã, na cor caramelo, modelagem reta, com variação nos cortes da modelagem e mudança na lapela. Entretanto o comprimento até o joelho, botões duplos em paralelo, cinto com fivela em formato “D”, ombros marcados, obedecem às características encontradas nos campos de batalha.

Venturo confirma esta ideia retratando que com o início da década de 1990 para cá os casacos ganharam muitas variações em sua aparência; incluindo cores diversas, padrões e detalhes inovadores. Os casacos que um dia tinham a limitação de 3 cores passam a ser como quadros em branco para os designers criarem novas versões. Entretanto, algumas características principais mantiveram-se: as lapelas largas, as alças nos ombros, os grandes bolsos e a cintura com cinto. O acabamento à prova d’água também continua a ser uma característica básica de alguns modelos. (VENTURO, 2020)

Figura 8 - Vestido Utilitário



Fonte: História da Moda (2020)

Na figura 8, testemunhamos a modelagem básica do sistema utilitário. Vestidos com a parte superior lisa, ombros marcados, sem pregas, bem como a parte inferior da peça com um linhas retas sem franzidos, a bainha composta logo abaixo do joelho e ausência de pences. Em meio à forte influência da essência militar, uma das principais características do período foi a adaptação de elementos masculinos para as roupas femininas. Por exemplo, surgiram mais camisas, ombros em evidência, saias e vestidos em A, cintura alta e pernas mais soltas. (PITTA, 2020)

Um detalhe surge na indumentária: os bolsos. Mendes e La Haye (2003, p. 42) descrevem que “tradicionalmente, as roupas da moda feminina raramente incluíam bolsos chapados, espaçosos e práticos, os quais se tornavam uma característica proeminente, ecoando o funcional uniforme militar. A esse detalhe associam-se outros, como os galões e alamares, usados para decorar paletós e conjuntos.

As peças compostas pelo novo sistema utilitário ganharam poucas variações de cores e tons. “As colorações das roupas na Inglaterra variavam de acordo com a disponibilidade de pigmentos. Na primeira metade da década de 1940, as roupas eram na maioria das vezes em tons sóbrios, como preto, azul marinho, bege, marrom e cinza.” (VÊNUS, 2020)

Percebe-se poucos adornos compondo a vestimenta. Todo e qualquer tipo de aviamentos que houvesse na roupa deveriam ser funcionais. Com as medidas de austeridade, quase tudo que eram considerados “enfeites” foram restringidos ou proibidos, tornando assim, a peça mais econômica e fácil de ser fabricada. Fiell e Dirix (2014) expõem que em termos práticos, isso significava não só a alocação de uma quantidade limitada de tecido por tipo de peça, mas também as costuras, botões, pregas e babados.

Em outras palavras, as roupas eram então pensadas para serem mais neutras, duráveis, práticas e alegres, mas sem grandes extravagâncias. Por sua vez, a cintura seguia estando bem marcada. Como resultado, os acessórios ganharam mais protagonismo alguns exemplos são o chapéu, turbante e os cintos mostrados acima.

Em comparação com a moda atual, os traços que fizeram destes vestidos serem classificados como peças utilitárias, conduziram às semelhanças das características da alfaiataria existente nos dias de hoje, bem como as lapelas - própria dos ternos e blazers, possui um corte oblíquo no peito que cria uma ponta aguda voltada para cima e para os ombros.

Opondo-se as semelhanças, a modelagem sem pences, em linhas retas, cintos finos em desacordo com o tecido do vestido, lapelas e colarinhos curtos, e martingales introduzidos nos recortes da peça estão entre os aspectos que fazem-nos identificar quais vestes são do passado ou do presente.

Figura 9 - Vestido de alfaiataria



Fonte: Infini (2021)

Em seguida temos na figura 9 um vestido midi. Suas características trazem modelagem ampla, tecido na cor cinza, listrado em vertical, com botões no busto, cintura marcada com o auxílio do cinto do mesmo tecido, sua composição são 65% poliéster e 35% viscose.

Observa-se que este vestido possui atributos da alfaiataria. O conceito para esta técnica geralmente é usado para se referir àquelas roupas que esbanjam elegância e possuem um corte refinado. As primeiras peças desse estilo surgiram no armário masculino, com blazers, calças e camisas feitas sob medida, mas com um impulso forte de mudanças sociais, como por exemplo as guerras, e por grande influência dos uniformes de exércitos, esta técnica também se estabeleceu no guarda-roupa feminino.

As particularidades desta peça, nos leva a associar o vestido midi aos quais estão sendo relacionados na figura 8. As modelagens simples, cortes retos, escassez de acessórios, são pontos que nos fazem perceber as convergências em ambos.

Ainda assim conseguimos verificar diferenças que fazem destas vestes serem classificadas como da década de 40 e a outra vigente. Na imagem acima, os ombros marcados perderam força, a ausência de colarinho também é um diferencial, além dos tecidos serem mais

fluidos e menos estruturados, tornando-se um vestido casual, sem aquela aparência de uniforme de trabalho, como pretendia os vestidos utilitários, mas apesar disso, a moda produzida dentro do sistema, aumentou muito a sua qualidade, tornando a peça mais fácil de produzir e mais durável.

Na Itália, a escassez foi severa e a silhueta da moda para as mulheres foi similar à criada na Grã-Bretanha, com trajes de ombros quadrados, razoavelmente justos, chegando pouco abaixo do joelho. Contudo, o estilo italiano tendia a ser mais refinado do que as linhas de alfaiataria, um tanto masculinizadas, do esquema utilitário. ((MENDES, e DE LA HAYE, 2003)

Figura 10 - Roupas Tradicionais alemãs: *Trachtenkleidung*⁸



Fonte: A moda da década de 1940, p.12 (2014)

⁸ Trachtenkleidung – Roupas tradicionais em alemão

Diante da figura 10, observa-se vestes “tradicionais” alemãs, como era dito pelo partido Nazista. Esta vestimenta chamada de *Dirndl*⁹ apresenta vestidos até a altura do joelho, sendo alguns com corpetes cheios, tinham cintura estreita e moldada com tramados no estilo casa de abelha, as mangas eram largas e bufantes, finalizando com aventais.

“Desde a década de 1930 e durante os anos da guerra, foi dada preferência a estilos “camponeses” modestos, promovidos por obras de arte aprovadas pelo nazismo, e sua influência na moda pode ser vista em blusas bordadas, lenços para o pescoço”. (MENDES, e DE LA HAYE, p.103)

Os tecidos eram disponibilizados em xadrez¹⁰ ou estampas com desenhos pequenos, quanto as cores eram aleatórias, pois a campanha nazista fazia questão de mostrar às mulheres o quão supérfluo era ser elegante.

O visual da mulher ideal alemã era tido como robusta e atleta. De acordo com Fiell e Dirix (2014), as alemãs deviam gastar menos tempo e dinheiro se preocupando com a aparência e, ao contrário, concentrar maiores esforços em ser boas esposas e mães. Suas roupas deviam refletir esse compromisso com o país. A moda passageira, marcos visuais da mulher trabalhadora independente, eram desprezadas; maquiagem e penteados estavam em oposição direta ao ideal do partido com relação a mulher alemã perfeita.

Nesta perspectiva, constata-se traços que conduzem para com a modernidade, veja que as características desta vestimenta dada como “roupa tradicional” nos remetem ao clássico uniforme de empregada doméstica, além também de serem associados a modelos de vestidos com sobreposições que atualmente é muito disseminado. Não é à toa que esta harmonia entre as duas vestes faça-nos associar, visto que o partido comandado por Hitler reforçava que a mulher alemã deveria ser natural, e dedicando-se a passar mais tempo em casa.

As divergências dos trajes da década de 1940 com o período atual ocorrem por alguns detalhes, sejam os corpetes estreitos sob os vestidos ou camisetas, e o avental compondo como peça adjacente ao look, peculiaridade comumente vista hoje em dia em fantasias.

Assim, de 1940 a 1944, a voga dos tecidos campestres e das saias curtas camponesas é uma realidade. Assim como foi citado na fundamentação teórica, no verão, as mulheres adotam esse estilo por razões utilitárias evidentes: a bicicleta lhes dita esse traje prático, a falta

⁹ Dirndl - Vestimenta histórica baseada nos camponeses

¹⁰ Xadrez – Padronagem de tecido de lã de trama fechada e gramatura leve.

de tecidos as obriga tanto a encurtar as bainhas como a cortar um vestido numa colcha de cama ou num par de cortinas floridas etc. (VEILLON, 2004)

Figura 11- Vestido com blusa



Fonte: Schmidt (2021)

Adiante na figura 11, visualizamos um vestido com pregas sob uma blusa de manga longa. Neste, é formado por um decote fundo, pregas largas, apesar de não aparecer a peça de costas, podemos deduzir, pelo fato de a alça estar repuxada no ombro, que o vestido seja frente única. Já a blusa contém gola colarinho, mangas levemente bufantes, com tecido transparente e pedrarias na área do busto.

Esta troca de informações que a camisa por baixo do vestido traz, está presente em vários modelos das vestimentas “tradicionais” alemãs da década, esta combinação pode ser conferida pelas blusas abaixo dos vestidos, tornando a parte superior, uma espécie de colete, ajustando a peça ao corpo.

A moda de elementos regionais ou tradicionais não se limitava ao estilo alpino, (como foi comparado à figura anterior), componentes como bordados e transparências adicionados a este estilo também são vistos na atualidade (FIELL e DIRIX, 2014)

Apesar de o propósito da moda alemã ter existido para manter as vestes o máximo conservador possível, este modelo repaginado nos dá a impressão de um visual moderno e emblemático.

Contudo, podemos averiguar incongruências quando analisamos ambas as vestes. São os detalhes que fazem as distinções deste caso. Exemplo na figura 11 são os decotes amplos, presença de golas e pregas na saia, porém na vestimenta alemã, é avistado franzidos nas barras das blusas, e banhas estreitas, além dos bolsos funcionais. Contradizendo, suas diferenças expõem que não constam colarinhos, nem pregas, visto que foi proibido pelas medidas de austeridade para economizar tecidos.

“Tendências do tempo da guerra persistiram, embora uma gama maior de tecidos e cores e com uma volta de enfeites com bordado e costura fantasia, mas já no fim da década o New Look se tornava rapidamente a referência mais usada em todos os nichos de mercado” (FIELL e DIRIX, 2014, p.41)

Figura 12 – Calça



Fonte: Pinterest (2021)

Diante da figura 12, testemunhamos a presença de uma calça no corpo feminino. Seus atributos são compostos pela modelagem solta, pregas frontais, para trazer melhor mobilidade e flexibilidade, e cós ajustado à cintura. Estas calças tinham acessórios apenas funcionais, parecendo o mais simples possível. A calça passou a ser uma peça utilitária, pois só eram usadas para obter praticidade e segurança no trabalho

A tendência mais importante deste período foi a calça feminina. Nos anos de 1930, afirmam Fiell e Dirix (2014), vários costureiros, incluindo Chanel e Patou, lançaram suas versões de calça para mulheres, que nunca foi adotado pela maioria e manteve-se discreta apenas por aquelas mulheres que não tinham receio de vestir uma peça tão chamativa. Calças casuais, parte do uniforme de muitas fábricas, foram então adotadas pelas mulheres mais jovens, que optaram pela praticidade e o conforto oferecido por esta peça, no entanto, para um público mais maduro e conservador, as versões de alfaiataria com cintura alta foram difundidas pelas estrelas de Hollywood.

No presente, temos uma infinidade de modelos de calças femininas ao qual podemos escolher, em especial, os modelos de alfaiataria, como mostra a figura 9. Perfis como modelagem estruturada, costura bem executada e passadoria compõem as características desta técnica. A figura apontada acima mostra um exemplo de calça que foi popularizado nos campos de trabalho na era da segunda guerra.

Identifica-se semelhanças e divergências desta vestimenta com a moda feminina atual. O que antes era produzido para melhor se movimentar, hoje as pregas são detalhes que vão além do funcional. Estas podem ser fixadas nas mais variados modelagens e pontos, obtendo assim o ideal desejado.

A combinação dos cortes mais esguios, com tecidos encorpados, deixava as mulheres com uma imagem mais austera e adequada ao ambiente de trabalho. Contrastavam com o estilo romântico que dominava a moda feminina na época, inadequado para o exercício de funções que exigiam tomada de decisão e firmeza. (BARCELLOS e MONTEIRO, 2020)

Figura 13 - Calça de alfaiataria



Fonte: Happy Shopping (2021)

Por fim, temos na figura 13 uma calça de alfaiataria flare. Suas características consistem na modelagem ajustada reta, tecido no tom de azul marinho, bolsos frontais, passantes com cinto do mesmo tecido e sem pregas, além de traços de passadoria.

Esta modelagem tem atributos semelhantes à calça mencionada na figura 12, seu corte reto, cintura alta e solta nas pernas conferem com a peça acima.

Divergindo as harmonias, esta modelagem atual traz aspectos para além da vestibilidade, sua estética justa nas coxas e vasta abaixo do joelho, terminando com pouquíssimos centímetros sobre o chão, conduz a sensação de continuidade, dando a impressão de ser mais alta, no entanto a calça feminina da década de 40 é ajustada apenas na cintura, e solta no restante, isso se dá pela praticidade e propósito da peça, onde seu intuito era levar conforto e mobilidade para o público feminino.

A alfaiataria feminina passou por muitas transformações, a partir do início do século XX, estas alterações também eram o reflexo de mudanças mais profundas da participação feminina nas áreas executivas da sociedade. As mudanças da alfaiataria feminina andam lado a lado com a história das mudanças de comportamento feminino no mundo e com a história das conquistas de espaço social e profissional pelas mulheres.

Como já citamos na análise acima, a combinação dos cortes mais esguios, com tecidos encorpados, deixava as mulheres com uma imagem mais austera e adequada ao ambiente de trabalho. (BARCELLOS e MONTEIRO, 2020)

Esse movimento de transformação do *dress code*¹¹ feminino tem seu tímido início quando as mulheres começam a quebrar alguns padrões de comportamento limitante, como por exemplo, quando começam a praticar esportes em público. As primeiras calças femininas foram desenhadas para a prática do ciclismo. E as calças femininas desde então, aparecem como marco de mudanças de comportamento, em diferentes momentos da história. (BARCELLOS e MONTEIRO, 2020)

¹¹ Dress Code – Código de vestimenta

4 CONCLUSÃO

Após a execução das interpretações das modelagens da década de 40 (quarenta) em comparação com as contemporâneas, e de imersão sobre os acontecimentos que favoreceram esta mudança nas vestimentas, é admissível a conclusão de forma satisfatória de que a indumentária usada pelas mulheres durante o conflito, contribuiu para algumas características que hoje consideramos em alguns casos, traços masculinos. Este trabalho visou responder à pergunta problema geral: Qual o legado da modelagem na segunda guerra mundial para a moda contemporânea? Para responder foi realizada uma análise através do método qualitativo aplicado desta pesquisa, possibilitando a compreensão das características da moda da época.

Neste panorama, a moda da década definiu características consideráveis para com a modelagem atual, como ombros quadrados marcados com ombreiras, os uniformes dos combatentes acinturados para melhor sustentar os materiais e utensílios de trabalho de guerra. Nesse sentido, observamos casacos e sobretudos com estas características como tendências da moda atual.

Os famosos Trench Coats foram introduzidos para proteção de chuvas, e seus bolsos e passantes eram essenciais para carregar acessórios nas batalhas. Além de ser determinante para se proteger do frio, no presente o mesmo é considerado um item coringa tanto no guarda-roupa masculino como no feminino. Estas características foram vistas nas coleções de outono de alguns estilistas. Como mostram Fiell e Dirix (2014), estes haviam mesclado praticidade com glamour. Piguet exibira o conjunto "ataque aéreo" dupla-face de lã, cuja capa servia de cobertor, enquanto Schiaparelli trouxera o macacão com zíper (disponível em rosa-shocking) e bolsos canguru (aqueles obrigados a sair correndo de casa podiam guardar nos casacos todo o necessário).

Muitos atributos do sistema utilitário foram introduzidos nos uniformes de trabalho, tendo em vista não limitar os movimentos e otimizar a peça para melhor responder às necessidades das funções na área profissional. As calças retas de alfaiataria também contribuíram para a emancipação do poder feminino em época de guerra, bem como a libertação da mobilidade com os benefícios da ergonomia, por conseguinte hoje compreende-se uma infinidade de modelos de calças suprimindo as demandas do mercado e correspondendo a todos os interesses.

Fiell e Dirix (2014) nos confirmam que, mesmo que muitos fizessem objeções ao uso de calças pelas mulheres, isso era visto como uma consequência inevitável de elas assumirem trabalho de guerra além dos afazeres domésticos, e o conforto era de suma

importância. As calças a partir de então passaram a fazer parte do vestuário feminino e evoluíram muito em termos de modelos e cortes na atualidade.

Deste modo a pesquisa e análises feitas neste artigo ressaltaram as heranças deste período, revelando que a modelagem cooperou com as muitas mudanças para o vestuário contemporâneo, efetuando um panorama definitivo com as principais transformações do vestuário da década. A segunda guerra mundial foi um episódio dominante, movendo fatos políticos, econômicos e socioculturais que influenciaram a indústria do vestuário. Todos estes acontecimentos delinearão o caminho percorrido da moda, trazendo tendências como a praticidade aliada com o funcional e, em contrapartida, uma modelagem ajustada aproximada do corpo para preservar custos. Entretanto, o legado deixado por esta época traz peças condizentes com a realidade da guerra, um vestuário útil, construído para equipar a fisionomia e necessidades humanas.

Isso confirma que a moda nos anos 1940 seguindo o raciocínio de Fiell e Dirix (2014), foi marcada de maneira indelével pela Segunda Guerra Mundial e suas consequências; é, portanto, um conto de guerra e paz, rejeição e continuidade, austeridade e luxo. Tratar da moda em tempos de guerra é lidar com um assunto complexo, mas evitar simplesmente toda a questão, declarando-a irrelevante ou fingir que tudo aquilo nem existiu, é perder uma fatia da história que ainda é uma questão de importância nacional, internacional, econômica, política e social. Ao ignorar a primeira metade da década, como ainda fazem tantos livros, torna-se impossível compreender a segunda e, portanto, a década como um todo.

Referências

BARCELLOS, Telma; MONTEIRO, Livia. **Alfaiataria**. Alfaiataria feminina e a conquista das mulheres dos meios de produção de riqueza e poder. Disponível em: <<https://blog.modacad.com.br/alfaiataria-feminina-e-a-conquista-das-mulheres-dos-meios-de-producao-de-riqueza-e-poder/#:~:text=Este%20novo%20estilo%20de%20Channel,antes%20ocupadas%20exclusivament e%20por%20homens.>> Acessado em: 30 de set, 2021

BEAUHARNAIS, Guilherme De. Elle **Admirável look novo**: a história da jaqueta chanel. Disponível em: <<https://elle.com.br/moda/a-historia-da-jaqueta-chanel>> Acessado em: 08 de set, 2021a.

_____: **Tudo o que você precisa saber sobre o trench coat**. Disponível em: <<https://elle.com.br/moda/tudo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-trench-coat>> Acessado em: 07 de set. 2021b.

DE FRIAS, Eliana Sanches. **Construção de marca e busca de identidade no mercado de moda. Burberry em revista**. São Paulo, 2014

Farol da Bahia: **136 anos de Coco Chanel** – Relembre as principais criações da estilista. Disponível em: <<https://www.faroldabahia.com/noticia/136-anos-de-coco-chanel-relembre-as-principais-criacoes-da-estilista>> Acessado em: 07 de set, 2021.

FIELL. Charlotte; DIRIX. Emmanuelle. **A Moda da década 1940** - Um panorama completo e ilustrado da indumentária e da beleza sob o impacto da Segunda Guerra Mundial. Tradução de Laura Schichvarger. São Paulo: Publifolha, 2014.

GONÇALVES, Xico. **Blog do Xico: Tailleur Chanel**. Disponível em: <<https://xicogoncalves.com.br/o-tailleur-chanel/>> Acessado em: 08 de set, 2021.

Happy Shopping. Disponível em: <<https://www.spieleschenken.top/products.aspx?cname=calça+flare+com+blusa+social&cid=81>> Acessado em: 30 de set, 2021

INFINI. Vestido midi em alfaiataria mescla listrada. Disponível em: <<https://www.infinifashion.com.br/vestido-midi-em-alfaiataria-mescla-listrada.1488.html>> Acessado em: 27 de set, 2021

KRUEGER, Maude Bass. **Enciclopédia Vogue**: A história do casaco trench coat. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2019/06/enciclopedia-vogue-historia-do-casaco-trench-coat.html>> Acessado em: 14 de set, 2021

L'OFFICIEL. **Trench coat, peça-chave da primavera**. Disponível em: <<https://www.revistalofficiel.com.br/moda/conheca-a-historia-do-trench-coat-peca-chave-da-primavera>> Acessado em: 07 de set, 2021

MENDES, Valerie e DE LA HAYE, Amy. **A Moda do século XX**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PITTA, Denise. **Fashion Bubbles: Moda anos 40 e a identidade brasileira na moda**. Disponível em: < <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/identidade-brasileira-na-moda-anos-40/1375/>> Acessado em: 17 de set, 2021

PRADO, Luís André; BRAGA, João. **História da moda no Brasil: das influências às autorreferências**. São Paulo: Disal, 2012.

PINTEREST. Disponível em: < <https://br.pinterest.com/pin/25684660365528612/?d=t&mt=signup>> Acessado em: 22 de set, 2021

SIMILI, Ivana Guilherme. **Políticas de gênero na Segunda Guerra Mundial: As roupas e a moda feminina**. Disponível em: < <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/326/326>> Acessado em: 08 de set, 2021

STASIAK, Janine. Imaginação Fértil: **Trench Coat: das trincheiras para o street style** Disponível em: < <https://www.imaginacaofertil.com.br/trench-coat-das-trincheiras-para-o-street-style/>> Acessado em: 08 de set, 2021

VENTURO, Andrea. **A história do Trench Coat**. Disponível em: < <https://www.brechoandreaventuro.com.br/post/a-historia-do-trench-coat>> Acessado em: 16 DE SET, 2021

VÊNUS, Blonde. História da Moda: **Moda nos Anos 40 - O Vestuário Utilitário da Segunda Guerra Mundial**. Disponível em: < <https://www.historiadamoda.com.br/2020/09/A%20Moda%20nos%20Anos%2040.html>> Acessado em: 07 de set, 2021

SCHMIDT. Lu. Dicas de looks com sobreposição. Disponível em: < <https://blog.luschmidt.com.br/dicas-de-looks-com-sobreposicao/>> Acessado em: 30 de set, 2021

SHOPPING, Happy. **Moda feminina anos 40**. Disponível em: < <https://www.linacon.top/products.aspx?cid=81&cname=moda+feminina+anos+40>> Acessado em: 17 de set, 2021

SULAMITA. Blog da. **Moda “Trench Coat” – Tendências Outono/Inverno 2018**. Disponível em: < <http://www.blogdasulamita.com.br/2018/04/15/moda-trench-coat-tendencias-outonoinverno-2018/>> Acessado em: 28 de set, 2021